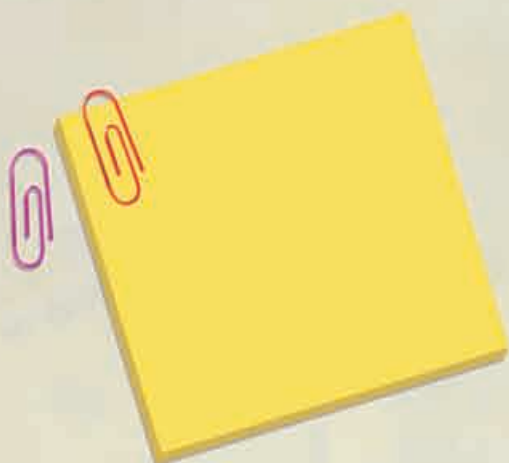
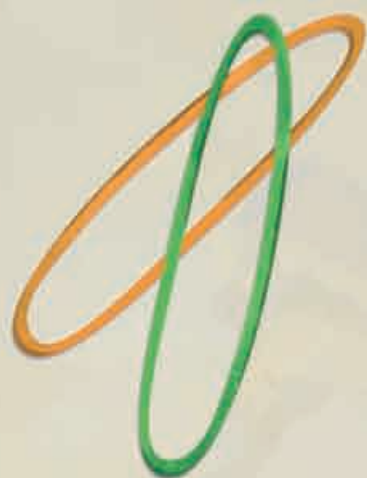


Autora: Heloisa Prieto • ilustrações: Estúdio Pandora

Diário DE UM GAROTO ELÁSTICO

VENDA PROIBIDA





Diário

DE UM GAROTO

ELÁSTICO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Copyright © 2017 Fundação Educar DPaschoal

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida, de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Fundação Educar DPaschoal.

CONSELHO EDITORIAL	Vanessa Gonçalves e Ezequiel Theodoro da Silva
AUTORA	Heloisa Prieto
ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO	Estúdio Pandora
REVISÃO	Sâmia Rios
COORDENAÇÃO EDITORIAL	Juliana Furlanetti
COLABORAÇÃO	Camila Cheibub Figueiredo e Simone Santos
REALIZAÇÃO	Fundação Educar DPaschoal www.educardpaschoal.org.br (19) 3728-8085

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prieto, Heloisa

Diário de um garoto elástico / Heloisa Prieto ;
ilustrações Estúdio Pandora. -- Campinas, SP :
Fundação Educar DPaschoal, 2017.

ISBN 978-85-7694-277-1

1. Adolescência - Literatura infantojuvenil
2. Amizade - Literatura infantojuvenil
3. Cooperação - Literatura infantojuvenil
4. Diários - Literatura infantojuvenil
5. Resiliência - Literatura infantojuvenil
6. Superação - Literatura infantojuvenil
- I. Estúdio Pandora. II. Título.

17-09794

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Diários : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Diários : Literatura juvenil 028.5

Esta obra foi impressa na Santa Edwiges de Artes Gráficas, em papel-cartão (capa) e couchê fosco (miolo). Esta é a 1ª edição, datada de 2017, com tiragem de 3.000 exemplares.



Quem gosta de ler por obrigação?

Não se preocupe, leitor. Você não está sozinho. Ler não deve ser obrigatório! *(Bem, pelo menos não deveria.)*

As instruções abaixo devem ajudá-lo a ter uma leitura prazerosa:

1 Pense neste livro como um amigo lhe contando uma história, uma experiência. Nunca sabemos de tudo. Pense, o que nos faz ouvir um amigo? É isso que nos move a ler qualquer coisa na vida!

2 Se você é do tipo que tem sono ou dificuldade para ler, aí vai uma boa dica: chame alguém para ler com você. Você lê uma parte e a pessoa lê outra, interpretando a história. Cada um a seu tempo. Vale até mudar as vozes para tornar tudo mais divertido.

3 Crie esquetes de vídeos, cenas teatrais, novos livros ou até mesmo jogos a partir deste livro. A leitura ideal é aquela que liberta e desperta a sua imaginação!

4 Um clube da leitura (*físico ou virtual*) não é nada mal para trocar o livro com mais pessoas e poderem conversar sobre o que estão lendo e o quanto isso está fazendo diferença em sua vida.



Dê essa dica na sua escola.

Este livro-diário foi criado para você que não está interessado em ler para entregar um relatório ou ganhar nota em alguma disciplina da escola, mas para encontrar nestas palavras um meio de se reconhecer para encarar desafios, crescer e compartilhar o aprendizado com quem tiver vontade.

Pense que, ao ler e compreender estas páginas, você estará melhorando o aprendizado, seu jeito de ser, agir e conviver com as pessoas, o que o tornará uma pessoa melhor do que antes.

Então, o que se tem a perder com a leitura?

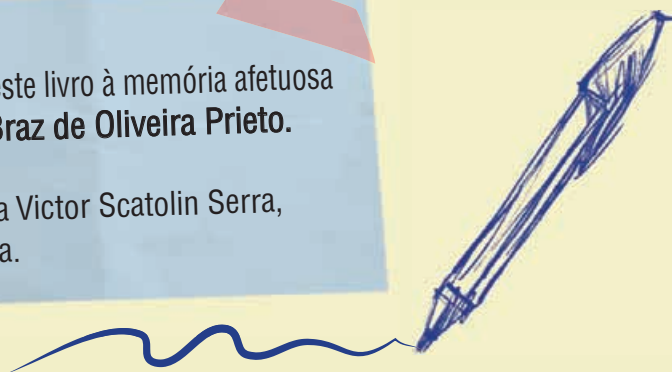
Ouvir, ler e contar histórias nos faz entender quem somos. Por isso, leia em voz alta, conte e dramatize sem moderação. O importante é você saber que o livro é realmente um grande amigo seu.

Vamos nessa?

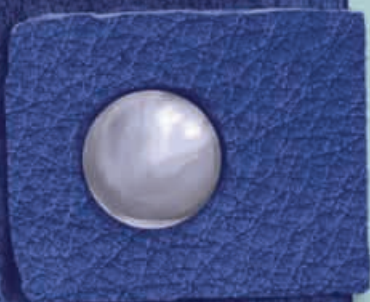
Bora conhecer o Raul?

Heloisa Prieto dedica este livro à memória afetuosa de sua mãe, **Valdeti Braz de Oliveira Prieto**.

E também agradece a Victor Scatolin Serra, pelo apoio à pesquisa.



RAUL



26 de agosto



Como começou o dia?

Não ouvi o despertador.

Lá estava eu, caído da cama como quando eu era pequeno. Primeiro, eu me senti como se tivesse uns 4 anos de idade, fase em que eu caía tanto da cama que minha mãe acolchoou o assoalho de almofadas. Senti falta delas. Cai direto no chão frio. Doeu. Assustou. Mesmo assim, demorou para que eu caísse na real.

Lembrar quem eu sou. Expulsar o sonho bom. Impossível.

Meu nome: Raul Moreira Passos.
Idade: 13 anos.

O sonho ainda me prendendo, dando tanta vontade de ficar na cama, dormindo.

6h30min

Segunda-feira. Aula. Atraso.

Sem tempo de entrar no chuveiro. Troco de roupa.

Lavo o rosto. Escovo os dentes. A água da pia me lembra do sonho.

Que vontade de voltar para aquela praia! O mar com reflexo prateado.

Reflexo?

Meu cabelo... É sempre assim de manhã.

Tem que molhar para pentear, seco não dá.

Eu me chamo Raul por causa do meu avô, mas meu cabelo é vermelho como o de minha avó, **Coralina**. **Vermelho, crespo e brilhante**. Muita gente elogia. Eu devia raspar todinho, mas minha avó não deixa. Eu adoro minha avó! Não dá para contrariá-la.

Perdi tempo parado na frente do espelho.

Pensando no quê?

No sonho que se enfia na minha imaginação.

Olho no espelho.

Sou bem **NORMAL**.

O QUE É SER **NORMAL**,
AFINAL?

Quer dizer, nem forte, nem magro, nem alto, nem baixo. Não fosse pelo cabelo crespo e vermelho, ninguém nunca ia reparar em mim. Tem que ficar do tamanho certo para prender em rabo de cavalo. Curtinho, fica crescendo para o alto, feito um arbusto maluco e, se eu não for cortar a cada quinze dias, todo mundo me zoa na escola.

- Raul? Você perdeu a hora? - pergunta minha mãe, batendo na porta do banheiro.

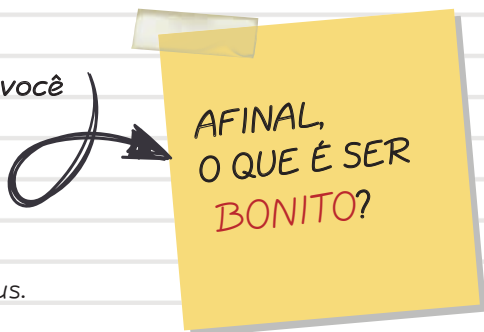
Olho no espelho. Dormi de rabo de cavalo. Preciso tirar o elástico. Ah, não!! Estava com tantos nós no cabelo que nem dava para arrancar o elástico. Olhei para a pia. A tesoura da minha mãe estava ao lado da escova de dentes. Não deu outra: cortei o cabelo preso no elástico.

Tentei molhar e pentear. Ficou muito esquisito. Olhei de lado no espelho. Na frente, tudo bem; atrás, um buraco na nuca. Tive um acesso de riso, nem sei bem por quê.

- Ande, Raul! Você vai perder o ônibus!

Aula do professor André, o meu preferido! Abri a porta e peguei a mochila. Quando saí para a rua, ainda ouvi a voz da minha mãe:

- Filho!! O que foi que você fez com o cabelo?



Calor.

A janela aberta do ônibus.

Que delícia!

O ônibus chega ao meu ponto.

Ao descer, olho no espelho do motorista.

Cabelo crespo, secado ao vento, só fica bonito em comercial de televisão. O topete crescia para cima; na nuca, um buraco.

As laterais da minha cabeça pareciam arbustos, ou cabelo de palhaço maluco.

Entrei na escola, corri para o banheiro, enfiei a cabeça debaixo da torneira. Molhado, o cabelo ficaria grudado na cabeça, eu pensei.

O cabelo foi secando durante a aula.

Risadinhas do Carlão na fileira de trás.

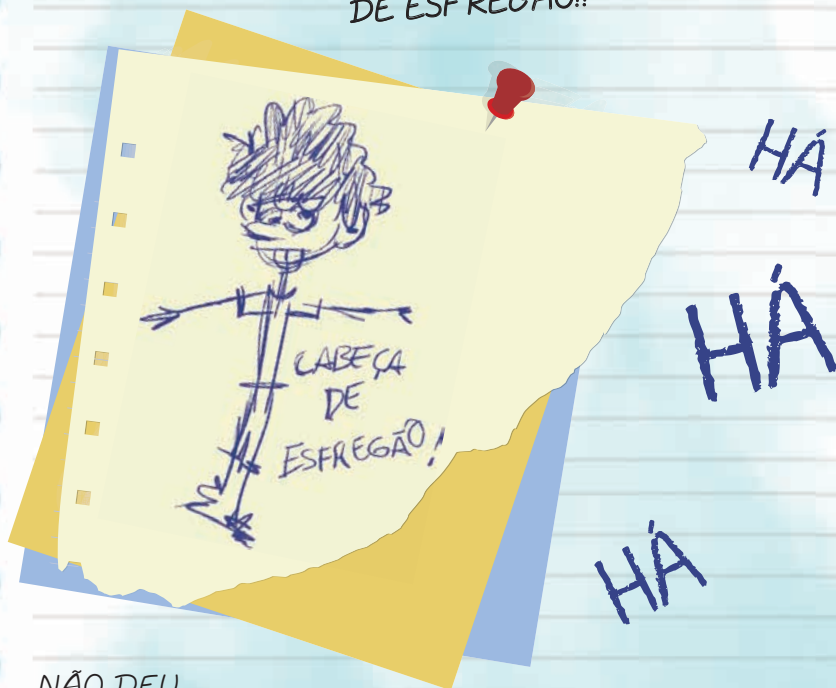
O Carlão gosta de comer. MUITA GENTE ZOA ELE, chamando de Carlão por causa da barriga imensa. Resultado: se o Carlão puder, zoa quem aparecer pela frente também. Eu sempre achei que zoar os outros é a pior coisa do mundo. A vida toda eu fui amigo do Carlos, até porque ele e eu gostamos de futebol de botão. Quando eu percebi que ele ria de mim, fiquei chateado.

Mas a coisa piorou muito quando o bilhete chegou à minha carteira. Alguém tinha feito uma CARICATURA MINHA.

O corpo comprido, cara de bobo, cabelo picotado.

Embaixo escreveram:

CABEÇA
DE ESFREGÃO!!



NÃO DEU.

Levantei e fui direto para a carteira do Carlos.

Ele riu e gargalhou tanto que despencou no chão. Como o Carlão é enorme, levou junto a carteira de trás, com o Júnior, e a da frente, com a Julinha. TODO MUNDO RINDO SEM PARAR. RINDO DE MIM!!

HÁ HÁ HÁ

HÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁHÁ

- Carlos! Pegue suas coisas e sente-se aqui na primeira fila!
Professor André, o meu preferido! Naquele momento,
o meu salvador...

- Júlia, vá para a última carteira da fila!

- Raul, me dê esse desenho!

Obedeci e voltei para o meu lugar.

- Você quer um elástico para prender o cabelo?

Rebeca, a nova aluna, abriu a mochila, tirou um **elástico preto** e me entregou. Eu estava tão nervoso que não conseguia fazer o rabo de cavalo. Ela levantou a mão.

- Professor, posso ajudar o Raul?

André sorriu e fez que sim com a cabeça.



Rebeca rapidamente puxou meus cabelos para trás e prendeu os chumaços. Olhei pelo reflexo do vidro da janela e vi que tinha ficado com cara normal de novo. Sorri feliz.

Peguei uma folha e rabisquei rapidamente.



VOU SER SEU AMIGO PARA SEMPRE!

Passei o bilhete para Rebeca. Ela sorriu de volta.

Professor André diz a toda a classe:

- Para a próxima aula, todos devem pesquisar sobre o elástico: o material, suas propriedades, sua importância no cotidiano das pessoas. Isso tem muito a ver com nosso dia a dia, mais do que nos damos conta.

- Como assim? - perguntou alguém atrás de mim.

- O elástico é um material que simboliza a **resiliência**. Quero que pesquisem o que é **RESILIÊNCIA**. Depois reflitam sobre isso e coloquem suas considerações relacionando o elástico e a resiliência no final desse trabalho de pesquisa.

Pesquisa para o Professor André - 28 de agosto

Resiliência:

Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação. Capacidade de superar, de recuperar-se de adversidades.

Elástico: 1. Fita, corda ou tecido elástico; mola elástica. 2. Que tem elasticidade. 3. Flexível; volúvel.

Fonte: Dicionário Aurélio da língua portuguesa.

Resiliência na Física

Resiliência é a propriedade dos materiais que acumulam energias, quando são submetidos a situações de estresse, como rupturas.

Esses materiais, logo após um momento de tensão, podem ou não ser danificados, e caso sejam, eles terão a capacidade de voltar ao normal.

Resiliência ambiental

No contexto da ecologia, a resiliência é a aptidão de um determinado sistema que lhe permite recuperar o equilíbrio depois de ter sofrido uma perturbação.

Resiliência na Psicologia

É a capacidade de uma pessoa lidar com seus próprios problemas, vencer obstáculos e não ceder à pressão, seja qual for a situação.

A teoria diz que resiliência é a possibilidade de o indivíduo tomar uma decisão quando tem a chance de tomar uma atitude que é correta, e ao mesmo tempo tem medo do que isso possa ocasionar. A resiliência demonstra se uma pessoa sabe ou não funcionar bem sob pressão.

Fonte: <https://www.significados.com.br/resiliencia/>
Acesso em: 28 ago. 2017.

Entrevista com minha avó:

O que elástico e resiliência têm em comum para você?

Avó: Para mim, resiliência é como um elástico que pode ser esticado até seu limite máximo e, quando você solta, ele volta. Resiliência fez sentido pra mim nas palavras de Rubem Alves: "Ostra feliz não faz pérola"

Então, podemos dizer que as pessoas nascem ou se tornam resilientes?

Avó: Ah, meu filho, isso eu já não sei. Mas sei de uma coisa: não dá pra esticar muito um elástico, porque senão ele arrebenta.

Não entendi muito bem, mas, pesquisando depois, li que a ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a incomode. Então ela diz a si mesma: "preciso envolver essa areia pontuda que me machuca tanto".

Daí cria uma superfície lisa para não sofrer mais.

Entrevista com meu pai:

O que é resiliência para você?

Pai: Acho que é a capacidade de nos adaptarmos às novas situações, às adversidades, e encarar desafios. Eu diria que somos resilientes quando nos fortalecemos, quando crescemos e vamos além.

Fale um exemplo de resiliência.

Pai: Bem, um bom exemplo de resiliência está naquela música composta por Paulo Vanzolini, "Volta por cima", que guardo nas lembranças da minha infância... Ah, que saudade, ouvia sempre meu pai cantar. Só anos depois vim a compreender seu significado. O trecho é o seguinte: "Reconhece a queda e não desanima. Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima."



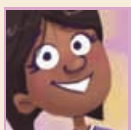
Oi. Você já acabou a pesquisa do professor André?

Sim...



Eu também. E fiquei pensando muito nela.

Por quê?



Sei lá. Você se acha forte?

Nunca pensei nisso...



Eu sempre me achei forte e feliz. Mas nunca tive de enfrentar problema sério, eu acho... Se tivesse que enfrentar uma situação ruim, não sei o que faria.

Rebeca, que conversa estranha. É tudo por causa da pesquisa?



É... Quer dizer, se a gente pensa no bambu, por exemplo, o que é mais frágil? Um bambu ou um carvalho?

O bambu, claro. O carvalho é uma árvore enorme, que dá sombra, com raízes. Minha avó sempre fala de carvalhos.





Eu acho o bambu mais forte.

Não entendi. Mas, por quê?



Pensa bem, o bambu parece frágil, mas, em uma tempestade, enquanto um imenso carvalho pode ser arrancado do chão, por ser rígido, o bambu sobrevive, por ser maleável, porque ele arqueia. Mas, por causa de suas raízes fortes, retorna à sua posição original, firme e forte. Ele enverga, vai e vem, mas não quebra... resiste.

Nunca tinha pensado nisso.



Eu prefiro ser um bambu do que um carvalho.

Vou comentar com a vovó.



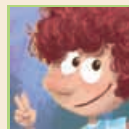
Raul, você adora essa sua avó, não é?

Ela é muito forte. Quando eu estou perto dela, eu me sinto bem.



E você, Raul? Você se acha forte?

Não sei. Eu sempre me dou mais ou menos bem nas coisas. E, quando não dão certo, sei lá... não penso muito nelas.





Eu acho que você é como o elástico. Quer dizer, se você fosse um garoto vaidoso, não ia gostar de cortar o cabelo.

Ah, mas eu não gostei, não.



No começo, depois você acostuma.

Quer dizer que sou um garoto elástico... rs rs...



Quer dizer que você é resiliente, garoto-elástico. Menino-bambu. Está em sua natureza.

Natureza? Você acha que as pessoas já nascem sabendo?



Não, mas acho que tem gente que aprende mais rápido e outras pessoas que custam a se adaptar...

Rebeca, você é diferente. Nunca troquei ideia assim com ninguém. Gostei.



Para falar a verdade, Raul, eu também não. Foi bom. Também gostei.

29 de agosto

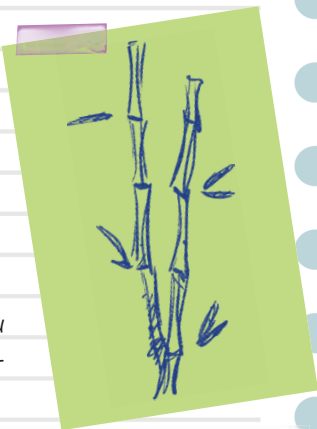
Cedinho no ponto de ônibus, eu não conseguia parar de pensar na conversa com Rebeca. Menino-bambu, garoto-elástico...

Se um dia algo me fizer sofrer, será que eu sou forte? Senti um pouco de medo.

Eu queria passar a vida toda sem sofrer.

Nem sei por que estava cismando com essas coisas.

Meus pais me adoram. Isso eu sei. Tenho saúde. Isso eu também sei. Minha avó é a melhor do mundo. Coisa boa demais. Não vou muito mal na escola e não tenho inimigo. Por que não? Tanta gente briga!



Carlão...

Ele não gosta de ser zoado, mas quando zoam com ele dá problema, lógico que ele detesta. Então, por que ele zoa de volta?

Mas o Carlão não é um revoltado, irado, rancoroso. Ele esquece logo.

Várias vezes eu vi o Carlos conversando animado com a mesma pessoa que tinha zoado dele dois dias antes. Eu gosto do Carlos. Este, sim, a gente pode chamar de amigo. Amigo à prova de confusão. Aquele que sabe perdoar quando a gente pisa na bola...



- Oi, Raul! Que cara mais pensativa! Tudo bem?

Demorou um pouco para reconhecer seu Ernesto, o faxineiro da escola.

- Você está bem?

- Estou, sim. Por quê, seu Ernesto?

- Fiquei sabendo da confusão na aula do professor André...

- Contaram ao senhor?

- Para falar a verdade, eu ouvi tudo. Estava passando pano no corredor e acabei vendo um pouco de tudo. Vou dizer a você, Raul, esse negócio de provocação não é certo de jeito nenhum.

Parece que agora estão chamando essa malcriação com um nome estrangeiro: BULLYING.

“Brincadeira pra quem?”

- Ah, mas era só **brincadeira**, seu Ernesto, não chega a ser tão sério assim.

Entramos no ônibus e seu Ernesto continuou a conversa.

- Estou vendo que seu cabelo está assentado de novo, não é, Raul?

- Ah, obrigado, seu Ernesto, eu fui cortar.

- Eu até já tinha um presente para você.

Lembrete:
Assistir ao curta-metragem que comentaram na escola:

*Reprovados, uma brincadeira sem graça.

Seu Ernesto enfiou a mão na bolsa larga que trazia e tirou dela um boné com umas palavras bordadas.

- Tome! É para você, menino!

Peguei o boné, sentindo um aperto no coração.

Eu nunca conversava com seu Ernesto, no máximo o cumprimentava rapidinho. E agora, na hora em que eu tinha um problema, lá

*Fonte: Disponível em: <http://tinyurl.com/reprovados>. Acesso em: 29 ago. 2017.

vinha ele me dar um presente... Fiquei sem jeito, sem palavras, e, para disfarçar, fiquei examinando o boné. Foi então que reparei nas palavras bordadas nele.

TURMA DA VITROLA

O TEMPO DE OUTRORA

- Seu Ernesto, que turma é essa? O senhor é de algum time?
- Bem, menino, minha vida não é só trabalho. Eu tenho uma turma de arromba! Outra hora lhe conto melhor.
- Puxa! Obrigado!

Primeiro coloquei o boné na cabeça para agradá-lo. Seu Ernesto gostou. Abriu um grande sorriso. Fiquei feliz também.

- Ei, vocês dois! - disse uma voz conhecida. - Olhem para mim!!

Vou tirar uma foto!

Rebeca, com o celular na mão, bem à nossa frente!

- Primeiro uma foto só de vocês dois, depois uma selfie!

- Obrigado, menina. Você sempre é tão gentil! Gosto muito de você!

Seu Ernesto mal disse essas palavras e olhou para baixo, como se estivesse emocionado. Mas quem sentia uma grande alegria era eu.



- Envie essas fotos pro meu celular, Rebeca!
- Seu Ernesto, o senhor tem celular?

Assim, mando pro senhor também - ela disse.

- Não uso essas coisas, não, menina.
 - Então vamos imprimir essa foto pro senhor.
- Será nossa lembrança.



O ônibus parou na frente da escola, e descemos os três. Seu Ernesto logo se afastou de nós e, quando entramos no corredor que dá para nossa classe, demos de cara com o Carlos.

- Carlão! - fui dizendo. - Hoje não vai ter brincadeira idiota comigo, certo? Ele não respondeu, ficou só olhando para o chão.

- Cara, eu não entendo. Sempre fomos tão amigos, nunca zoei com você. Por que você fez aquilo comigo?

- Por que você fica me chamando de Carlão?

- É o seu apelido!

- E você acha que não está me zoando? Só porque sou grande e gosto muito de comer? Eu quis que você sentisse na pele como é. Rebeca, sempre tão esperta e alegre, não sabia o que dizer. Fiquei mudo também.

Então, ela falou:

- Carlos, você sabe que o Raul e eu ficamos só viajando na história do elástico, da resiliência, aquelas coisas que pesquisamos para a aula do professor André? Se você tivesse que enfrentar um desafio, uma situação inesperada, o que você faria?

- Bem, eu ia ter mais vontade ainda de COMER DOCE.

Nós três demos risada.

- É por isso que sou seu amigo,
Carlos. Você sempre tem bom
humor. É leal. E sabe ter paciência
com o amigo.

Carlos abriu um sorriso largo e olhou
para baixo. Era timidez de felicidade.

Eu percebi que ele tinha gostado do elogio.

- Vocês dois! Eu entrei na turma agora, mas já me sinto em
casa. Valeu! - disse Rebeca.



Nisso, seu Ernesto apareceu de novo.

- Oh, garotos, não me digam que estão aí para brigar de novo!

Rebeca se adiantou e explicou:

- O Carlos está dizendo que detesta o apelido de Carlão, e que a
brincadeira foi vingança.

- Ah, mas vingança não presta. Que bobagem! A vida é curta para
perder tempo se vingando. Melhor é ser amigo. Amizade é a melhor
coisa que existe.

- Então, seu Ernesto, espere que eu conto
o resto. A vingança virou pizza. Eles estão
olhando para o chão porque estão felizes.
É alegria desajeitada.

Seu Ernesto deu uma gargalhada e
saiu andando.



- Sabe que lembrei de uma coisa horrível? - disse o Carlos.
- Uma vez meu irmão mais velho me contou que zoaram muito com seu Ernesto. Puseram o apelido de **Ernesto escovão**.



Parece que tinha um garoto bem forte na escola, que bancava o valentão o tempo todo e gostava de humilhar os outros. Ele vivia derrubando o balde do seu Ernesto como se fosse por acaso.

- E o que aconteceu? Seu Ernesto reclamou dele?

- Não. Nunca. Ele olhava firme pro menino, depois passava o pano usando a água derramada. Logo a brincadeira perdeu a graça.

- Que coisa mais corajosa e bonita! Eu não acho essa história horrível. Acho que é uma lição desse lance de resiliência, ele resistiu calmamente e ainda deu a volta por cima! - disse Rebeca. - Vou postar a foto que tiramos com ele. Quero que todo mundo saiba que amigo importante ele é!

- Ah, reparem no boné que ele me deu!

- Vitrola? Outrora? Que clube será esse?

- Ah, eu quero muito saber - disse Rebeca.

- Vamos descobrir? - eu disse.

E nós três batemos as mãos como se fosse uma grande promessa. Uma amizade puxa a outra...

30 de agosto

Quem passar na frente da casa da vovó Coralina sempre vai ver uma janela com um vaso de flor e vai achar que é tudo normal.

Quem entrar na sala, sentar no sofá estampado de florzinha e deixar as coisas na mesa que fica na frente dele também vai pensar que não existe nada de diferente ali.

Mas quem fizer amizade de verdade, minha avó vai levar primeiro para tomar o cafezinho fresco na cozinha e, depois de atravessar o quintal, vai conhecer a antiga garagem.

Só quem é convidado para a garagem da vovó pode dizer que é amigo da casa.



Quando cheguei em casa, depois das aulas, e minha mãe disse que eu desse um pulo na casa da vovó Coralina, fiquei feliz.

O que será que ela queria?

Na casa da vovó eu gosto de tudo, até do som da campainha, que parece toque de sininho.

Mas hoje eu nem tive que apertar a campainha. A vovó estava na calçada, o portão aberto, a porta também. Primeiro eu achei que ela estava conversando com a árvore da frente.

Normal.

Vovó acha que árvore tem sentimento. Não só árvore, como também as plantinhas dos vasos que ela planta.

Quando cheguei perto para ela me dar um beijo, ela fez sinal para que eu ficasse quieto.



Olhei para o alto e vi a gatinha mais linda do mundo. Cinza. Olhos redondos. Pelos espetados para o alto.

- Ela está com medo? - perguntei baixinho.

- Sim. Ela é tão pequenina! E está sozinha...

- Será que ela está com fome?

- Ela apareceu ontem, e deixei o potinho com ração bem embaixo da árvore. Acho que ela desceu e comeu, mas agora quero que ela entre em casa.

Nem parei para pensar. Subi na árvore, e a gatinha correu para o galho de cima. Mas eu sou rápido. Acho que é por causa do basquete ou do vôlei.

Bem, estiquei o braço e peguei a gatinha pelo cangote, com cuidado. Depois, mais rápido ainda, coloquei a gatinha dentro do meu casaco e fechei o zíper.

- Corra, Raul, entre!

Assim que entrei, a vovó fechou a porta.

- Solte a pequenina - ela disse.

Abri o zíper, abaixei e deixei a gatinha saltar para a sala. Ela correu e se escondeu atrás do sofá.

Vovó já tinha deixado um pouco de ração e água ao lado da mesa.

- Bem, agora só falta uma coisa, Raul...

- Você vai ficar com a gatinha, vovó?

- Claro que sim! Ela escolheu a casa. Será minha dona também. Você sabe, um gato nunca tem dono. É ele quem escolhe a pessoa para cuidar dele.

- Mas então, se a senhora já deixou a comida, a areia, o que é que falta?

- O nome dela. Estou pensando em chamar a gatinha de **Lolita**, o que você acha?

- Gosto muito!



- Ah, que bom, Raul. Agora venha, vamos deixar a Lolita tomar conta da casa.

Quer um café com leite?

- Claro que sim! E depois quero ir até a garagem.

- Como sempre, não é? Ainda bem que você gosta tanto deste cantinho...



1 de setembro

Era um daqueles dias em que a gente se arrepende de não ter olhado a previsão do tempo. Amanheceu com muito sol, e a chuva chegou de repente.



Lá estava eu, no corredor da escola, mostrando a foto da Lolita no meu celular para seu Ernesto quando chegaram o Carlos e a Rebeca.

- Que lindinha! - ela disse e acariciou a tela com a imagem.

- Você quer vir visitar minha avó e a Lolita?

- Claro que sim!

- Mas está chovendo hoje! - disse o Carlos.

- Melhor ainda! Vou ligar pra vovó e dizer que vamos passar lá depois da escola. E eu já sei que ela vai fazer bolinho de chuva e servir suco de uva! Não tem nada melhor que os bolinhos que ela faz na hora... E como você, Carlos, vai adorar que eu já sei, vou pedir uma porção extra!

- Ah, Raul... eu não devia exagerar, agora estou tentando diminuir um pouco a comida. Mas, como hoje é um dia especial...

Assim que entramos na classe, fiquei pensando que é difícil ajudar o Carlos a emagrecer. Ele gosta tanto de comer que a gente sempre acaba oferecendo alguma coisa. Mas depois eu também cheguei à conclusão de que os bolinhos da vovó não acontecem todo dia.

Descemos do ônibus correndo. O ponto fica bem pertinho da casa da vovó, e ela, que já tinha visto a gente pela janela, logo abriu o portão.

- Entrem! Saiam da chuva, meninada!

Rebeca gostou da casa assim que entrou.

- Que delícia sua casa, dona Coralina! Parece de boneca!

Ela passava a mão nas paredes cobertas de papel estampado de flores azuis-claras, depois se sentou na poltrona azul-escura com almofadas.



Carlos não reparou muito na decoração da casa. Eu tinha a impressão de que o olho dele estava grudado na mesa de jantar. Porque...



Lá estavam os bolinhos...
Lá estavam o suco...
as empadinhas...

a torta de palmito...
a compota de pêssego...
os pastéis de queijo...



a goiabada...
o queijo de Minas...
o bule de café...
as xícaras de porcelana...



o bolo de cenoura coberto com chocolate...



- Venham logo para a mesa! Vocês devem estar mortos de fome.
- Dona Coralina, sua casa está cheia de histórias - disse Rebeca.
- Que coisa bonita de dizer, menina.



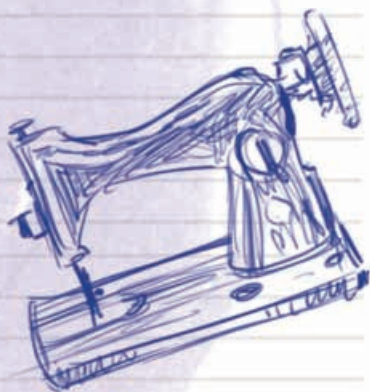
- Olhe só essas xicaras de porcelana antiga! Que delicadas!



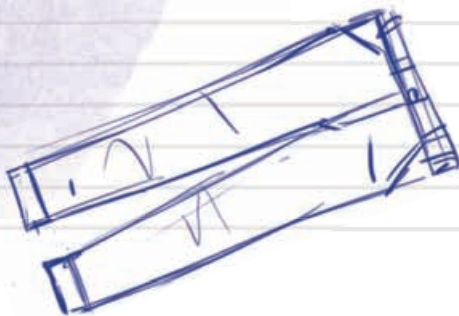
- Ah, eu ganhei da minha cunhada. Bem, na verdade, meu marido é que se chamava Raul, por isso esse meu neto tão querido acabou herdando o nome. Nós tínhamos um armazém aqui no bairro. Vendíamos de tudo: roupas feitas à mão, que era minha especialidade, doces caseiros.

- Aposto que era sua especialidade também! - disse o Carlos, já na segunda fatia de torta de palmito.

- É verdade. Eu sempre preferi fazer as comidas e as roupas do que comprar tudo pronto. Gosto demais de artesanato.



E, conforme eu ia fazendo as toalhas, os casacos, colocávamos à venda.



Mas o Raul tinha outra mania: ele adorava colecionar objetos antigos. E sempre que trazia um objeto totalmente obsoleto para o armazém, dava um jeito de transformá-lo numa peça interessante. Uma vez ele pintou uma pequena escarradeira, por exemplo.

- O que é isso? Escarradeira? - Rebeca quis saber.
- Bem, vocês estão comendo. Tudo bem se eu explicar? É meio nojento, se a gente parar e pensar.

rr - SIM!! CONTE PRA GENTE!! - rr
dissemos os três ao mesmo tempo.

- Melhor ainda, vou mostrar a vocês, mas eu não guardo aqui na sala, não. Esse tipo de objeto fica lá na garagem.
- Vovó... será que podemos ver sua garagem depois do lanche?

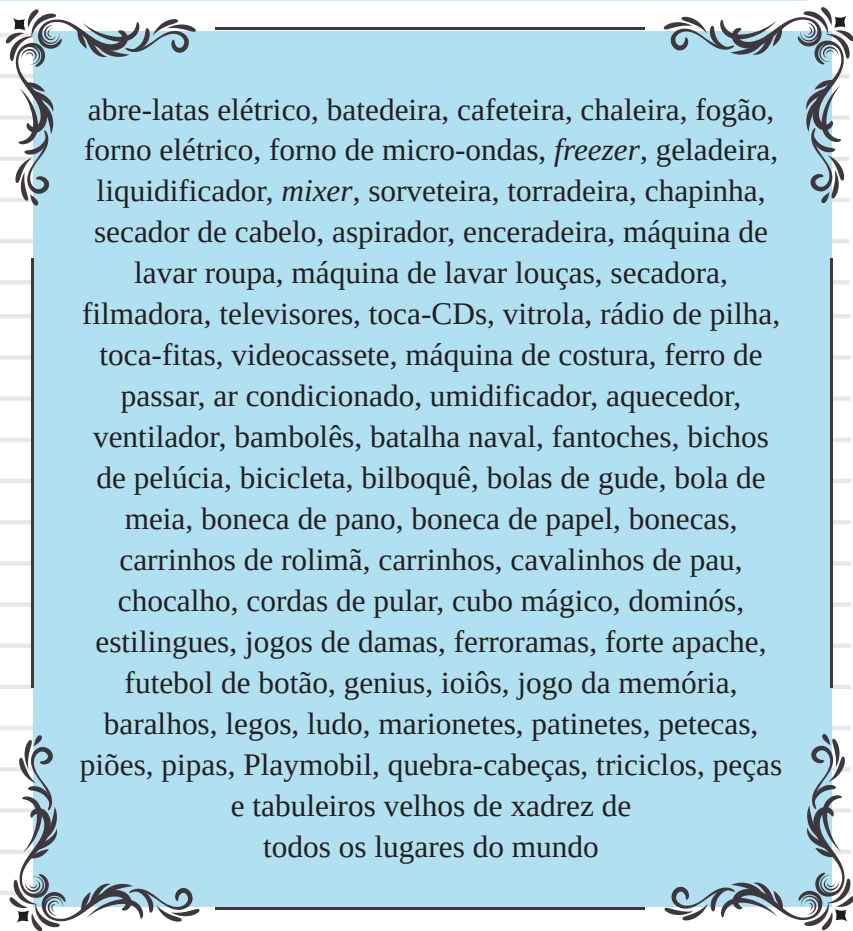
Quando minha avó concordou, eu percebi que ela tinha gostado muito da Rebeca e do Carlos. Porque, como eu já disse,
A GARAGEM É SÓ PARA VIPS.

A conversa correu solta enquanto todos comiam. A vovó contou mais de meu avô, que também adorava futebol, que tinha mania de inventar objetos malucos reaproveitando coisas antigas, da vitrola que ele adorava e da enorme coleção de vinil.



Bem, quando a gente já se acostumou com uma coisa boa, nem sempre percebe o quanto gosta dela. Senti um **ARREPIO FELIZ** quando entramos na garagem e a vovó puxou a cordinha da lâmpada. Não deu tempo de fotografar a expressão no rosto da Rebeca e do Carlos, mas nunca vou conseguir esquecer o espanto dos dois. A garagem é superorganizada, como se fosse uma espécie de museu.

Pregada na parede fica a lista dos objetos guardados:



abre-latas elétrico, batedeira, cafeteira, chaleira, fogão, forno elétrico, forno de micro-ondas, freezer, geladeira, liquidificador, mixer, sorveteira, torradeira, chapinha, secador de cabelo, aspirador, enceradeira, máquina de lavar roupa, máquina de lavar louças, secadora, filmadora, televisores, toca-CDs, vitrola, rádio de pilha, toca-fitas, videocassete, máquina de costura, ferro de passar, ar condicionado, umidificador, aquecedor, ventilador, bambolês, batalha naval, fantoches, bichos de pelúcia, bicicleta, bilboquê, bolas de gude, bola de meia, boneca de pano, boneca de papel, bonecas, carrinhos de rolimã, carrinhos, cavalinhos de pau, chocalho, cordas de pular, cubo mágico, dominós, estilingues, jogos de damas, ferroramas, forte apache, futebol de botão, genius, ioiôs, jogo da memória, baralhos, legos, ludo, marionetes, patinetes, petecas, piões, pipas, Playmobil, quebra-cabeças, triciclos, peças e tabuleiros velhos de xadrez de todos os lugares do mundo

Meus amigos iam de um objeto ao outro,
rindo, brincando...



- ISSO AQUI É UM TÚNEL DO TEMPO! - gritou Rebeca.

- Eu já tive um boneco de Playmobil igualzinho a esse aqui! - gritava Carlos.

Vovó acompanhava a nossa viagem, explicando a origem de cada objeto.



- A escarradeira é um objeto muito, muito antigo. Na verdade, o costume veio da China. As pessoas colocavam pratos com furos no meio onde se podia cuspir. Os pratos ficavam perto das poltronas para que o convidado cuspiisse com calma. Isso era considerado um hábito elegante.



- Dona Coralina, que horror! - disse Rebeca. Vovó riu muito.

- Meu marido gostava de colecionar objetos antigos, porque dizia que eles eram porta-memória.



Depois ela seguiu contando quem tinha dado os tabuleiros de xadrez ao nosso avô e por quê. Os triciclos que tinham pertencido a minha mãe e meus tios.

O chocalho de quando ela mesma era bebezinha. Mas, quando ela pegou a vitrola e começou a tocar os discos da década de 1960, do tempo em que ela namorava o vovô, os olhos de Rebeca ficaram cheios de lágrimas.



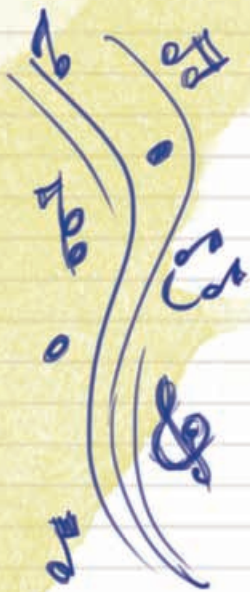
- Não chore, menina! Amor de verdade não acaba nunca. Meu marido partiu antes de mim, mas sempre ficou vivo dentro de minhas lembranças e do meu coração.



Depois ela dançou um pouquinho, só para a gente ver como era no tempo dela e rimos, porque vovó também se fez um pouco de palhacinha para alegrar a Rebeca.

A noite chegou, e ninguém queria voltar para casa, mas vovó insistiu:

- Meninada, vocês podem voltar sempre aqui. Já está ficando escuro. Não quero que seus pais fiquem preocupados.



4 de setembro



Será que escrever agora vai me ajudar a organizar os pensamentos?
Será que vou conseguir aguentar o que estou sentindo agora?

A vovó sempre me disse para voltar ao início das coisas. Isso começou no dia em que tropecei num buraco fundo e torci o tornozelo. **DOEU TANTO!** Levantei do tombo e quis chutar o buraco, mas ele era fundo, vazio, quase caí de novo.

Vovó então disse: "vamos fazer igual aos filmes, voltar atrás. Caminhe de volta ao lugar onde passou e vá me dizendo em voz alta".

Eu obedeci e vi que tinha caído porque me distraí com a música alta de um carro que passou na rua. Virei a cabeça para olhar sem parar de caminhar. Não vi o buraco no caminho, tropecei, caí e me esfolei todo também.

De repente, mesmo com a dor, eu me senti melhor. Eu tinha descoberto como tinha errado. Não sei por que isso me ajudava a entender. E também aprendi uma lição:



PRESTAR ATENÇÃO É BOM.

Nos passos. Na rua.

Nas pessoas. Nos carros.



Só que, na madrugada do dia 2, às 5 horas da manhã, quando minha mãe abriu a porta do meu quarto, MEU CORAÇÃO SALTOU. O rosto dela estava molhado de lágrimas. Ela nem precisou dizer nada. Eu sabia que algo tinha acontecido.

- Raul - ela disse -, VOCÊ VAI PRECISAR SER FORTE AGORA.

Só de ouvir essas palavras, minhas pernas ficaram fracas, e eu não sabia o que dizer. Sentia medo de perguntar por quê. Então fiquei quieto, e ela continuou.

- É sua avó.
- Como assim? Eu falei com ela pouco antes de dormir.
- Eu sei, ela me disse.
- Quando você falou com ela?
- No pronto-socorro.
- Mas você não me avisou nada!
- Eu não achei que fosse importante.
- Então por que vocês foram até o hospital?
- Sua avó sentiu muita falta de ar e tontura. Estranhei, porque ela tinha tomado a vacina contra gripe, então não podia ser um resfriado. Ligamos para o médico, e ele nos disse para levar sua avó ao pronto-socorro.
- Você e vovó foram sozinhas?

- Sim, já era tarde da noite quando ela ligou, e eu não quis avisar você, porque tinha aula hoje.

- Tinha? Não tenho mais?

- Você teria aula, mas você vai faltar.

- Por quê? O que foi que aconteceu com a vovó?

- Ela partiu, Raul.

- Como assim?

- Quando chegamos ao pronto-socorro, eles mediram a pressão dela, fizeram os exames e levaram sua avó correndo para a UTI. Mas ela teve uma parada cardíaca e não resistiu.

Perdi a voz, a vontade de falar, uma dor funda calando minhas palavras, impedindo o choro. A única coisa que eu conseguia fazer era olhar para meus pés e lembrar que estava usando meias que a vovó tinha me dado de presente.

Minha mãe me abraçou forte, e eu passei as mãos nos cabelos dela. Senti uma vontade tão grande de protegê-la!

- Onde está o papai?

- Ele está no hospital. Eu vim perguntar se você quer vir conosco agora. Mas, se preferir, fique em casa, você pode fazer o que achar melhor, meu filho...

- Quero ir com você. Quero lhe fazer companhia, mãe.

- Sua avó sempre dizia que você é muito mais FORTE do que seu pai e eu acreditamos. Acho que ela tinha razão. Obrigada, filho. Estou mesmo precisando de você.

Como descrever o velório?

Minha avó nunca aparentou a idade. E no velório não seria diferente. Ela parecia tão jovem e tão serena...

10 horas da manhã.

Os parentes, os amigos de meus pais e os meus amigos.

Todo mundo perguntando o que tinha acontecido e por quê.

NINGUÉM CONSEGUIA ACREDITAR.

- Ela tinha um defeito congênito no coração, Raul, explique isso às pessoas, se perguntarem. Foi por isso que ela se foi tão cedo.



- Por que você nunca me disse isso, mãe? Por que a própria vovó nunca me disse?

- Porque sua avó achava que isso poderia preocupar você. Ela adorava a vida, você sabe. Detestava falar de doença. Por isso nunca lhe contamos que ela sempre teve um coração frágil.

Tantas coisas ainda passam na minha cabeça agora... Minha avó, para mim, era eterna. Alguém tão forte, alegre. Nada fazia sentido. Saber que ela tinha problemas era um choque, e eu precisava me equilibrar. Eu não conseguia juntar a imagem da minha avó querida, a garagem, a gatinha. Sim, a Lolita... O que seria dela? No meio do velório, essa preocupação me veio forte...

- Mãe, posso correr até a casa da vovó agora? Alguém tem que dar comida para a gatinha que ela acabou de adotar.

Minha mãe fez que sim com a cabeça, e corri até a casa da vovó.

- Depois vá para casa, tome um banho rápido e volte. O enterro será ao meio-dia - ela disse, ao me dar as chaves.

11 horas.

Respiro fundo e giro a chave na fechadura. Abro a porta da casa da vovó. Cortinas e janelas fechadas. Corro e abro tudo para arejar. Vovó sempre dizia que o sol precisa iluminar as plantas da sala.

Lolita...

Escuto um miado leve.

Olho por toda parte, não encontro a gatinha.

Abro a porta do armário e tiro de dentro dele a latinha de ração. Abro a lata, e o cheiro forte se espalha. Lolita aparece e encosta na minha canela.

Abaixo-me e faço um carinho nela.

Depois lhe dou comida e água.

Sem coragem de subir as escadas até o quarto da vovó, prefiro ir até a garagem. Abro a porta, as janelas, molho as plantas que ficam lá dentro e depois fecho tudo e saio.

Tudo isso me dá um pouco de alívio.
Sinto como se vovó estivesse ao meu lado, feliz por eu estar cuidando das coisas dela.

Decido que sempre farei isso.

Depois, pego o ônibus, entro em minha casa, tomo um banho voando. Ouço o barulho do carro dos meus pais. Logo mais será o enterro.



Cemitério.

Eram tantos os amigos da vovó! Reparo que eles parecem diferentes entre si. As amigas da mesma idade que ela, da antiga turma do colégio. E os vizinhos, a veterinária da Lolita que mal a conhecia, mas fez questão de comparecer. Meus olhos não conseguem enxergar direito. Lágrimas me impedem de ver. Então eu vou sentindo os abraços, as mãos que passam nos meus cabelos, sem conseguir lembrar dos nomes de todos que me cumprimentam.

De repente, três abraços fortes:

Carlos, Rebeca e o professor André.

Então eu choro muito.

Aos poucos, a respiração vai voltando.

Só que, no dia seguinte, onde estava minha avó?

Como alguém pode desaparecer assim?

Como eu posso imaginar que nunca mais vou encontrá-la?

Senti um vazio tão forte que foi se alargando, aumentando muito e...

Não consigo ir à escola. Fico inventando uma desculpa atrás da outra. Não quero estudar. Estou com um desânimo tão grande que até minha cabeça pesa no travesseiro. Não quero falar com ninguém. Acho que vou explodir. Olho no espelho e não reconheço o meu rosto. Depois, me acho ridículo. O que estou fazendo no meu quarto? Que lugar é esse?

Meus pensamentos viraram uma confusão que nunca termina... Meu peito dói. Minha cabeça lateja. Minha boca está seca. Não tenho vontade de comer.

Se vou assistir alguma coisa na TV, não consigo prestar atenção. Se saio de casa, quero voltar; se fico, quero ir embora. SERÁ QUE ISSO MELHORA? SERÁ QUE VOU SENTIR ESSA DOR PARA SEMPRE?

5 de setembro

DIA DO SILÊNCIO
DIA DA SAUDADE
DIA DE QUERER PARAR O TEMPO
DIA DE SE SENTIR PEQUENO
DIA DE NÃO PENSAR
DIA DE LEMBRAR
E A MENTE DA GENTE
QUE NÃO MENTE
PRECISA VIRAR
UM
ELÁSTICO

6 de setembro

Hora do jantar.

Meu primeiro dia de volta à escola depois da partida da vovó.

Depois da aula, cuidar da casa da vovó e dar comida para a Lolita.

Dessa vez, além de abrir as janelas, alimentar a gata e regar as plantas, varri a casa e tirei pó de tudo.

Eu sentia que precisava deixar as coisas exatamente como a vovó mais gostava.

Voltei para casa, tomei banho e, logo depois que meu pai chegou do trabalho, desci para jantar.



- Raul - disse minha mãe -, obrigada por cuidar de todas as coisas de sua avó. Mas logo você não terá mais que fazer isso.

- Eu gosto de ir até a casa dela, mãe. Não se preocupe.

- É que já decidimos o que fazer com a casa - disse meu pai.

- Como assim? - perguntei.

- Bem, como você conhece os lugares onde sua avó gostava de guardar as coisas, tudo será mais fácil - completou minha mãe.

- Tudo o quê? - perguntei desconfiado, sem gostar nem um pouco do tom da conversa.

- Os objetos da garagem, enfim, as coisas de sua avó... - disse meu pai.

- Raul, você me conhece - disse minha mãe -, vou direto ao ponto. Uma incorporadora sempre quis comprar os sobrados da rua da sua avó. Só não fez isso porque a casa dela ficava bem no meio da quadra, e ela se recusava a vendê-la. Agora que ela partiu, seu pai e eu decidimos aceitar a oferta. O valor é bem alto, trocaremos por um apartamento, e você terá um imóvel quando for mais velho.

- DEMOLIR A CASA DA VOVÓ? POR QUÊ?

Eu não quero um apartamento! Se for para mim, por que não deixar a casa como está? É o dia em que eu estiver adulto e quiser sair daqui, posso ir morar lá.

- Não vale a pena, meu filho. A casa precisa de uma grande reforma, está cheia de vazamentos.

- E a Lolita?

- Já liguei para várias instituições que aceitam gatos para adoção - disse minha mãe.

- Nunca!

NUNCA!!

Levantei-me da mesa.

- Você não sente falta da vovó? Não respeita as coisas dela, mãe? A Lolita também é minha.

- Nós nunca tivemos animais de estimação aqui em casa, meu filho.

- Eu nunca reclamei, porque podia brincar com os bichos da vovó. Agora eu quero a Lolita, ela foi adotada por mim também.

E eu quero a garagem da vovó, quero aquela casa, não é para mudar nada de lugar.

- Escute aqui, Raul - disse mamãe, também se levantando da mesa. - Existem muitas coisas sobre sua avó que nunca contamos a você.

- **A VOVÓ ERA LINDA!** - eu disse bem alto.

- Sim, mas também tinha alguns problemas.

- Como assim?

- Essa mania de guardar coisas, por exemplo.

- Não é não! Muita gente guarda coisa antiga. Os museus guardam coisas antigas.

- Filho, antiguidade é diferente de quinquilharia...

- As coisas da vovó não são quinquilhas! Eu adoro todas elas, porque têm muito valor.

- Não têm, não. Filho, vou lhe contar um segredo meu. Quando eu era pequena, tinha vergonha dessa mania da sua avó. Eu queria uma casa com coisas modernas, uma decoração da moda, e sua avó sempre insistiu em ter uma casa lotada de esquisitices.

- Mãe, não estou entendendo. Você está tão diferente! Dizendo coisas estranhas, coisas que eu não gosto, nem parece a minha mãe.

Saí da sala, entrei no quarto e tranquei a porta. **RAIVA. MEDO. SAUDADE...**

Não consegui dormir.



9 de setembro

SEM VONTADE DE
NADA...



10 de setembro

- Raul? O que foi que aconteceu?
Seu Ernesto chegou perto e logo me deu um abraço apertado.
Eu me senti tão bem que fiquei sem saber o que dizer.
- Meus sentimentos pela perda de sua avó.
Soltei do abraço e entrei em outros braços: Rebeca.
- Raul, você está bem? Aconteceu alguma coisa?
Nisso, Carlos já tinha chegado para repetir a mesma coisa...
E eu só olhando para o chão, limpando o rosto que tinha
molhado de lágrimas, sem ter ideia do que falar.

- Obrigado - foi só o que consegui dizer.

- Meninos, vocês têm que entrar na aula. Mais tarde nos falamos?

Concordei com a cabeça e saí caminhando em direção à classe, Rebeca do meu lado e Carlos do outro.

- Seu Ernesto é muito legal mesmo - repetia Carlos.

- E nós? - perguntou Rebeca. - Vamos conversar também? A gente pode se encontrar no pátio, na hora do intervalo.

Logo mais, lá estávamos nós, o trio, sentados no banco do pátio. Os dois tentando me fazer falar, e eu ainda mudo. Até que, de repente, quando vi, falava sem parar.

- Ainda não me dei conta que minha avó morreu. Não consigo tirar o nome dela da lista do meu celular. Penso nela toda hora. Sinto saudades. Também vem o medo de viver sem os conselhos dela.

- Mas, e seus pais? - perguntou Rebeca.

- Meus pais trabalham fora o dia todo e são bem diferentes da vovó.

- Como assim?

- Eles são muito práticos, pensam no dia a dia. A vovó me fazia sonhar. Não sei bem explicar.

- Pode deixar que já explicou - disse Carlos e sorriu.

A VOVÓ me fazia sonhar!

- A saudade e o sofrimento são assim mesmo... - disse Rebeca. - Mas, que eu saiba, a pessoa vai melhorando pouco a pouco, e hoje você apareceu na escola com uma cara pior. Quer dizer, você está com olheiras, parece que nem dormiu, emagreceu, parece tão triste.

- É que minha mãe me disse que vai vender a casa da vovó. Que eles já tinham uma oferta de uma incorporadora e só não venderam antes porque a vovó não deixava. Além disso, QUEREM DOAR A LOLITA para alguma instituição.

- Isso não! - disse Rebeca. - A Lolita pode vir morar comigo. Eu já tenho dois gatos, ela vai gostar.

- Obrigado, Rebeca - eu disse. - Mas...

- Já sei - disse o Carlos -, você queria ficar com ela.

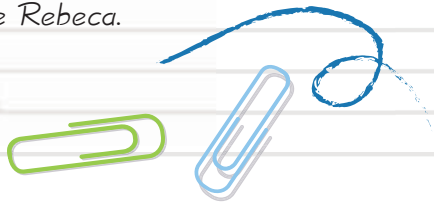
- É isso mesmo. A vovó e eu adotamos a Lolita juntos. Eu acho que ela sentia que ia morrer e quis pegar a Lolita pra que eu tivesse uma amiga nessa hora.

- E por que você não diz isso a sua mãe? - perguntou Carlos.

- Ela não me ouve. Ela anda muito nervosa desde que a vovó morreu, mas não chora. Só fica falando de organizar as coisas, tomar as decisões necessárias, coisas assim.

- Sabe o que eu acho? - disse Rebeca.

- O quê?



- Acho que sua mãe está tão triste, mas tão triste, que não consegue nem chorar. Então se ocupa de tudo quanto é coisa para não ter que sentir.

- Mas por que vender a casa tão rápido? Por que eu não posso decidir junto?

- O que vai ser da garagem? - perguntou o Carlos.

- Ela quer jogar quase tudo no lixo.

12 de setembro

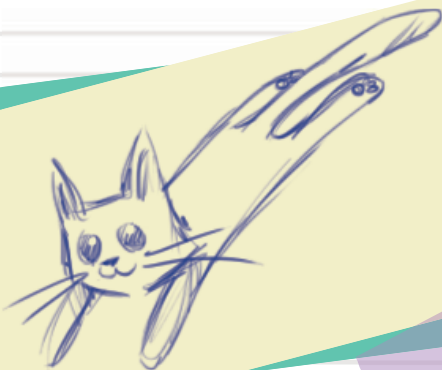
- Raul, eu andei pensando...

Minha mãe disse isso olhando firme para mim e sorrindo pela primeira vez desde a partida da vovó.

- Eu nunca tive animais de estimação e não incentivei isso aqui em casa, porque não saberia como cuidar. Mas, se você prometer que será totalmente responsável pela gatinha que vocês adotaram, então, tudo bem. **TRAGA A LOLITA AQUI PARA CASA!**

Eu me levantei da mesa e abracei minha mãe.

Não sabia nem o que dizer, por isso demorei muito no abraço, depois dei um beijo no rosto dela e corri para pegar a mochila.



- Espere, Raul. Vamos combinar. Hoje, você vai até a casa para alimentar a Lolita como sempre, mas amanhã, nos encontramos na casa de sua avó depois das aulas, que tal? Vou comprar o que for necessário, ração e tudo mais para que ela já venha para nossa casa amanhã.



No ônibus, eu já mandei mensagens para a Rebeca e o Carlos. Mas queria contar tudo a seu Ernesto pessoalmente. E, justamente, ele foi a primeira pessoa que encontrei ao chegar.

- Seu Ernesto! Tenho uma boa notícia! Minha mãe concordou em adotar a gatinha! Ele me abraçou.

- Está vendo só, Raul? E você estava tão chateado! Eu sabia que sua mãe faria algo assim.

- Como o senhor pode adivinhar? Além disso, por que não me falou?

- Eu não gosto de me intrometer na vida alheia, você sabe. Mas é lógico que seus pais devem ser maravilhosos. E sua mãe, então...

- O senhor já viu minha mãe?

- Não, nunca a vi. Mas um dia espero conhecê-la.

- Então, como é que o senhor sabia?

- Por sua causa. Porque ela criou você, um garoto tão cheio de luz. E por causa de sua avó, mãe dela, que por sua vez também era uma senhora sábia e muito amorosa.



- Seu Ernesto! Eu fico tão impressionado com sua gentileza! De onde vem todo esse conhecimento? Esse seu jeito sábio de lidar com as pessoas?

- Eu observo o tempo todo. Fico aqui quieto, fazendo o meu serviço, mas também presto atenção em tudo.

- O senhor acha que, se eu observar, aprendo também?

- Não é só observar... Você também tem que escutar o que o outro tem a dizer. É tão importante e tão simples!

Mas, às vezes, eu reparo que hoje em dia ninguém tem tempo de ouvir direito.

Passo batido por muita coisa!

Acho, que muitas vezes não escuto as pessoas...

Não é por causa dos fones de ouvido, da tecnologia, é outra coisa. As pessoas só pensam em si mesmas. Vão interrompendo o amigo. E quando esperam que o outro fale, como se fosse uma gentileza, muitas vezes estão pensando no que irão falar ou responder e não prestam atenção de verdade.

Porque, quando a gente escuta mesmo, percebe que o silêncio também diz muito... A gente descobre como pensar do ponto de vista do outro. Aliás, inventaram um nome para isso, sabia? Empatia. Que, inclusive, é uma característica de pessoas resilientes.

- Seu Ernesto, como é que o senhor vai descobrindo essas palavras? Nós aprendemos essa tal de resiliência na aula do professor André.

- Ah, eu gosto muito de ler. Principalmente sobre as pessoas. Sempre procuro aprender, mas também gosto de ficar entendendo as palavras. Vou lhe dizer, Raul, tem muita descoberta por trás das palavras. Pra lhe falar a verdade, descobri essa palavra quando lidei com problemas que nunca pensei que tivesse de lidar, quando passei por situações em que tive de me adaptar a mudanças, como perder o emprego quando minha esposa estava grávida e meu filho mais velho, doente.

Quando passei por pressões e tive que tomar decisões a respeito de coisas que nunca tinha pensado que aconteceriam comigo. Isso aconteceu até mesmo quando precisei enfrentar situações positivas, mas precisei pensar em diversas coisas antes de decidir.

Certa vez isso aconteceu quando recebi uma proposta para trabalhar em outra cidade. Eu não estava preparado. Para mim, aquilo era terrível, e tive que decidir.

Sabe, já passei por situações em que tive de superar obstáculos difíceis de enfrentar, como a descoberta de um câncer que me limitou a prática de esportes que eu adorava.

Quantas coisas não sabemos sobre as pessoas com quem convivemos todos os dias!

Estava à frente para decidir o que fazer em situações para as quais não estava preparado nem emocional, nem espiritual e nem fisicamente. Resiliência, pra mim, é isso.

- Seu Ernesto, posso lhe apresentar minha mãe? Acho que ela está precisando se abrir mais com as pessoas.
- Lógico! Eu ia mesmo conversar com você.
- Ah, sobre o quê?
- Você se lembra do que estava escrito no boné que eu lhe dei?
- Claro! A Turma da Vitrola, o tempo de outrora.

A TURMA DA VITROLA, O TEMPO DE OUTRORA.

- Bem, esta semana, quero convidar você, a Rebeca, o Carlos e sua mãe para visitar o nosso clube.
- O senhor frequenta um clube?

- Não é um clube como você conhece. Nós chamamos assim porque fica mais fácil. Digamos que é um lugar onde muita gente se encontra.

- E como é esse clube?

- Ah, é um lugar diferente. Nós, os fundadores, somos todos mais velhos. Mas todo mundo gosta de trabalhar e aproveitar a vida. Como sua avó. Na verdade, eu estava ensaiando para contar sobre o clube para você convidar sua avó para nos visitar, quando ela partiu.

Nisso, o sinal tocou, tive que correr para a classe. Me despedi do seu Ernesto, e ficou combinado que ele me contaria mais depois.



13 de setembro

Casa da vovó.

Minha mãe fica me olhando enquanto eu abro a porta. Entro e acendo a luz. Lolita mia e corro na direção dela para fazer um carinho. Ela anda rápido na direção do comedouro. Está vazio. Ela mia de novo.

- Está vendo, mãe? Ela conversa comigo. Está dizendo que sente fome.

Depois eu mesmo já vou dizendo à Lolita:

- Esta é minha mãe. Você vai mudar de casa hoje. E você vai gostar. Vai ter companhia o tempo todo!

Sirvo a ração e depois a água. Fico um tempo esperando que a Lolita coma. Nisso, escuto minha mãe chorando. No começo, o choro era baixo, depois foi ficando forte e desesperado.





- Mãe, o que foi?
- Sinto tantas saudades de sua avó... Para mim, que cresci nessa casa, é insuportável estar aqui dentro.
- Como assim? Você não gosta mais das coisas da vovó?
Espere! Vou lhe dar um copo com água.
Fomos até o sofá e nos sentamos. Abracei minha mãe de novo. Ela parou de chorar, mas ficou quieta. Eu não sabia o que dizer. Fiquei quieto também.
Nisso, a Lolita saltou no sofá e se aninhou no colo da minha mãe. Ela sorriu no meio das lágrimas. Eu me senti feliz também.

- Desculpe, Raul, eu não ando muito bem esses tempos. Olhe só que gatinha linda! Veio no meu colo para me dar carinho. E eu, sem pensar direito, querendo que você desse essa criatura mais linda e fofa a outra pessoa. Desculpe, filho.

Outra vez ela chorou forte.

- Mãe, nem se preocupe. Hoje estou muito feliz porque a Lolita vem morar conosco. Você vai gostar muito, eu garanto.

- Já estou gostando, meu filho.

- Mãe, por que você se sente mal aqui? Você me contou que se dava muito bem com a vovó e o vovô, que adorava essa casa! Por que fica chorando assim? Por que você quer vender a casa?

Minha mãe foi até o banheiro, lavou o rosto. Depois foi até a cozinha e preparou um café. Abriu a porta do armário, encontrou um pacote fechado de biscoitos e trouxe para a mesa da sala.

- Como eu acabei de dizer, filho, eu não estive nada bem esses dias. Tinha tanta coisa para resolver, o enterro, as pessoas, que não consegui sentir a dor da falta de sua avó, absorver o choque dessa partida tão repentina. Mas estou vendo que você parece muito tranquilo. Talvez justamente essa rotina de vir aqui sozinho para alimentar a gata tenha ajudado você a compreender e aceitar os acontecimentos. Já no meu caso, esta é a primeira vez, desde o enterro, em que eu deixo os sentimentos me dominarem mesmo.

Eu deixei de explicar muitas coisas a você.

- Que coisas?

- Sua avó queria que a casa fosse vendida e o dinheiro da venda ficasse para você, para ajudar quando começasse sua vida profissional. As reformas necessárias para a manutenção da casa seriam muito caras. Além disso, todos os vizinhos querem a venda. Ela quis ficar aqui enquanto vivesse, mas nos disse várias vezes que vendêsemos a casa quando ela se fosse.

- Quer dizer que a vovó sabia que ia morrer? Como pode ser?

- Isso eu não sei responder... se ela sabia ou não. Essa conversa aconteceu logo depois da morte de seu avô. Sua avó sentia muitas saudades dele e acreditava que iria encontrá-lo no céu.

- E você acha que isso aconteceu?

- Não sou tão religiosa quanto sua avó. Mas agora, aqui, sentada no sofá que foi dos dois, eu sinto muito amor e paz. É só isso que sei dizer a você.

14 de setembro

- Oi, Raul! - disse seu Ernesto. - Você está com uma cara boa! Olhe, entregue isso a sua mãe!

A TURMA DA VITROLA, O TEMPO DE OUTRORA

Nosso clube foi fundado no ano 2000. Na ocasião, um de nossos membros ofereceu um espaço em sua casa para que amigos guardassem objetos antigos de apreço pessoal que não coubessem em seus lares. Começamos com estantes de vinil e vitrolas, depois recebemos telefones antigos, brinquedos usados e revistas. Ao longo daquele mesmo ano, vieram também roupas, e a ideia de montarmos um brechó deu certo. Atualmente, as vendas de roupas usadas constituem uma fonte de renda para nossa organização.

Livros foram chegando aos poucos, surgiu a ideia de um sebo, bem como a necessidade de ampliar o espaço. Com o apoio da associação dos amigos de nosso bairro, abrimos uma extensão do clube Turma da Vitrola no fundo de uma lanchonete. Atualmente, este espaço é usado para os bailes e saraus de poesia. Esta atividade aumenta o movimento na lanchonete, e nossa troca tem dado muito certo.

Recentemente, ganhamos diversas máquinas de fotografar antigas, então surgiu a ideia de montarmos algo que se assemelhasse a um antigo estúdio fotográfico. Este também foi instalado no salão da lanchonete, de modo que as pessoas podem vestir roupas antigas e fazer fotos como nos tempos de outrora.

Estamos agora angariando fundos para montar um terceiro espaço de esporte e lazer no qual possamos jogar bocha, xadrez e dominó. Geralmente, essas atividades acontecem na praça do bairro, mas, quando chove, isso não é possível. Outro sonho será a montagem de uma galeria de arte, na qual os frequentadores da associação poderão exibir seus quadros, poemas e outras produções artísticas.

Sua colaboração, seja por meio da doação de objetos antigos, seja pela participação em apoio às novas extensões, será bem-vinda!

ASSOCIAÇÃO TURMA DA VITROLA

20 de setembro

Tanta coisa aconteceu nesses últimos dias! Vou resumir:
Mamãe fez questão de conhecer seu Ernesto.

ELES FIZERAM AMIZADE INSTANTÂNEA, EU NÃO
ACREDITEI!

Seu Ernesto e meus pais tiveram uma longa conversa na casa da vovó. Ele ficou encantado com tudo o que viu, disse que levaria a casa inteira para sua associação, se possível. Mamãe riu. Mas primeiramente, ela pediu que eu escolhesse as coisas que eu queria para mim.

- Eu não entendi isso na sua idade, para mim era tudo um monte de velharia empoeirada e sem valor. Também não sabia quanto doía perder alguém, uma confusão de sentimentos.

Agora eu entendo como é importante a gente guardar um espaço de lembrança e como superar tudo isso - ela me disse, e completou:

- Obrigada por me apresentar ao seu Ernesto. Ele foi um presente da vida, que chegou através de você, meu filho. Convidei o Carlos, a Rebeca e depois o professor André para ver as coleções da vovó e escolher algo de presente.



Quando o professor André soube de tudo o que estava acontecendo, da Turma da Vitrola e seu Ernesto, do apoio de meus pais, da curiosidade da Rebeca e do Carlos pelos objetos guardados, resolveu levar a ideia para a diretoria da escola. Mas, antes disso, ele e eu tivemos uma conversa em particular.

- Você está bem, Raul?

Olhei para baixo. Não sabia bem o que responder.

- Eu sei que você perdeu sua avó e que era muito próximo dela. Como você se sente?

Continuei quieto.

- Quando eu era da sua idade, eu perdi meu avô. Éramos muito próximos. Meu avô gostava de futebol e me levava para assistir os jogos. Era uma grande emoção! Também me convidava para almoçar nas suas cantinas preferidas. Meu avô era italiano, e até hoje eu gosto muito de comer massas. Conversávamos sobre tudo.



Eu tinha facilidade de contar a ele meus segredos, as brigas com amigos, a amiga preferida, as dificuldades na escola. Bem, ele morreu de repente, como sua avó. O meu mundo caiu. Como você se sente?

/// VAZIO. MUITO VAZIO ///

No começo, eu não queria vir para a escola, nem falar com ninguém, mas depois, eu acabei vindo...

A Rebeca disse que eu sou feito um bambu, que enverga, mas não quebra.

Eu vinha para a escola e queria ir embora, mas pensava que minha avó ficaria triste se soubesse que eu estava virando péssimo aluno, então ficava. Depois, eu comecei a ver que era bom estar aqui.



- Vou lhe dizer o que eu acho. Lembra da aula que dei sobre o elástico?

- Claro.

- Acho que você tem uma facilidade de se adaptar, de ser resiliente, de aguentar momentos difíceis e superá-los.

VOCÊ É UM GAROTO ELÁSTICO DE VERDADE. Tem gente que é rígida por dentro. Que se quebra quando algo de inesperado acontece. Ou que coloca sentimentos embaixo do tapete.

Você sentiu a tristeza e seguiu em frente. Ajudou sua mãe a ser resiliente e está até ajudando seu Ernesto com a Turma da Vitrola. Esse projeto cultural vai despertar a curiosidade de muita gente.

- E como é isso? A gente nasce resiliente ou aprende a virar elástico?

- Não sei se existe uma resposta definitiva para isso. Mas, se minha mulher estivesse aqui, ela diria que você é como um girassol, que busca a luz que o alimenta. Eu gosto de ser seu professor, Raul.

- Mas, eu nem sou seu melhor aluno...

- Melhor, pior, você acha que são notas que traduzem o potencial e a importância de alguém? Bem, agora vamos falar do seu Ernesto e dessa história que ele me contou de fazer uma gincana na escola. Contem com todo meu apoio. Vou inclusive sugerir um projeto cultural-pedagógico que acompanhe as atividades.

Professor André deu todo o apoio. Convidou outros professores para participar, falou com a coordenação, e assim surgiu...

A GINCANA CULTURAL DE OUTRORA

Seu Ernesto ficou como organizador das brincadeiras, e todos os alunos da escola, assim como os pais, foram convidados a trazer comidas típicas de várias regiões e suas próprias coleções e objetos de recordação. Nisso, alguns pais tiveram a ideia de criar espaços para jogos dos tempos dos avós e bisavós.



GINCANA CULTURAL DE OUTRORA

A gincana cultural de outrora é uma iniciativa da Associação de Pais e Mestres em parceria com a Associação Turma da Vitrola. Em evento aberto ao público, no pátio da escola, domingo, dia 26 de setembro, todos estão convidados a divertir-se!!

Haverá campeonatos de:

- bolinha de gude;
- jogo de botão;
- bocha;
- dominó;
- xadrez.

Teremos também:

- baile com instrutores de valsa, bolero, *twist*, *hully-gully* e chá-chá-chá, entre outras danças de outrora;
- estúdio de fotos com roupas antigas;
- sarau de poesia;
- concurso das melhores histórias;
- exposição de objetos antigos com explicações sobre suas utilidades;
- mesa com doces caseiros: compotas, ambrosias, tortas e bolos.

Estarão à venda toalhas de crochê, malhas de tricô e outras vestimentas confeccionadas por membros da associação.

Não percam! É diversão garantida!!

28 de setembro

EM UM MÊS, MINHA VIDA MUDOU.

Não só a minha vida, como a de meus colegas, dos professores, do seu Ernesto, da minha mãe e do meu pai.

Hoje, por acaso, na hora de sair de casa, olho no espelho. Encontro o pacote com os elásticos para prender cabelos no fundo da gaveta, mas não tenho como usá-los, porque meus cabelos ainda não cresceram.

MAS, DENTRO DE MIM, TANTA COISA CRESCEU...



Parece que as saudades da vovó agora são como sementes que me ajudam a compreender melhor as pessoas e a vida. Elas me dão coragem de fazer novas amizades e me ensinaram a ouvir os outros.

Agora que estou gostando de prestar atenção no que as pessoas me contam, percebi que todo mundo erra, todo mundo sofre, e isso me fez ter mais paciência comigo mesmo.



Vovó era muito paciente. Uma parte dela nasceu dentro de mim, eu acho...

Ela sempre me ensinava a voltar aos pontos de partida para tentar entender o caminho. Então, hoje, depois de organizar as fotos da gincana, porque a Rebeca, o Carlos e eu estamos ajudando o montar o site da Turma da Vitrola, eu resolvi reler a pesquisa que fiz para o professor André.

O que ficou pra mim, depois da pesquisa e de tudo que aconteceu este mês, é que a resiliência é ativada dentro de nós quando vivemos situações inesperadas que a vida nos traz.

Enfrentar desafios, vencer cada etapa e sair fortalecido de situações inesperadas. Como um elástico, a pessoa é esticada.

Passa por um processo de extensão de si mesma e, quando este elástico volta ao seu estado inicial, ele percebe que não perdeu sua forma, seu caráter. Claro que agora com outra visão, porque acumulou experiências, a pessoa é mais conhecedora de si mesma e reconhece seus limites, porque sabe que, se for muito além desses limites, pode arrebentar.



Isso, só para começar a falar de resiliência. Meu pensar sobre isso começou a partir daí. Afinal, a palavra resiliência é muito maior do que caberia explicar nestas páginas...



Depois, olhei para o elástico e decidi que não ia usá-lo. Peguei uma caixa de sapatos e o guardei lá dentro. Pronto.

Ali começava a minha própria caixa de lembranças. Cada objeto que eu puser lá dentro vai me fazer pensar em alguma coisa importante que eu aprendi.

Já sei que vai parecer muito maluco para quem abrir a caixa e encontrar umas coisas sem sentido. Por isso mesmo essas lembranças serão tão especiais. Vou ter que contar as histórias delas às pessoas e, mesmo que eu nunca mostre nada a ninguém, cada vez que olhar para elas, vou pensar, vou lembrar e, quem sabe, descobrir quem eu fui, quem eu sou, quem eu serei...



Sobre a Fundação Educar DPaschoal

A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 e é o investimento social privado da Companhia DPaschoal. Acreditamos na educação para a cidadania como estratégia de transformação social, gerando valor compartilhado nas comunidades brasileiras. Para que a cidadania plena seja exercida, é preciso garantir que as pessoas se reconheçam como protagonistas de suas vidas e de suas comunidades e desenvolvam a capacidade de interpretar o mundo através da leitura. Por isso, elegemos dois programas que oferecemos à sociedade: o Educar para Ler e o Educar para o Protagonismo. Para saber mais sobre os projetos desenvolvidos, acesse nosso *site*: www.educardpaschoal.org.br.





Leia Comigo!

Raul é um garoto de 13 anos que enfrenta desafios como todo adolescente. Ao se deparar com uma perda ele experimenta uma das situações mais desafiadoras de sua vida. A partir disso começa a escrever suas aventuras em seu diário e, sem se dar conta, constrói para si o significado de resiliência.

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.



ISBN: 978-85-7694-277-1



MINISTÉRIO DA
CULTURA

